

2005

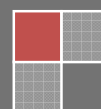
“Masculinidade”

Verbetes no *Dicionário da Crítica Feminista*, org. Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral. Porto: Afrontamento, pp. 122-123

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2005



MASCULINIDADE

O conceito de «masculinidade» reporta-se a uma área da pesquisa social iniciada no mundo anglo-saxónico. Uma discussão dos termos disponíveis na língua portuguesa que permita reflectir sobre este conceito pressupõe uma enumeração inicial dos termos ingleses. São eles: *Man, man/ men/ men's studies, manhood, male, masculinity, gay/ gay studies, queer/ queer studies* [ver **Estudos masculinos; Teoria Queer**]. O equivalente português de «Man» é «Homem», colocando ao termo um problema definicional e político semelhante: a sobreposição entre o macho da espécie e a espécie, no que é um claro exemplo de assimetria simbólica. Quanto a «man/ men/ men's studies», o carácter polissémico de «homem/ homens» é idêntico nas duas línguas: a sobreposição entre as características biológicas ao nível do dimorfismo sexual e a identidade de género. Daí a necessidade de em português se utilizar *masculinidade*, delimitando assim os atributos culturalmente específicos do facto de se deter uma identidade social baseada numa construção social da

natureza que define como pertinente a separação dos seres humanos em duas metades, com base no dimorfismo sexual e ilidindo as situações ambíguas ou intermédias a esse nível. A questão é, aliás, mais simples de resolver em português, uma vez que em inglês *masculinity* teve de ser imposto como termo alternativo a *manhood*, termo com uma ambiguidade semântica sem equivalente na nossa língua. Por outro lado, a utilização de *masculinidade* vai englobar não só *masculinity* mas também *men's studies*, cuja tradução literal em português (*estudos de homens*) deverá, por razões teóricas, ser substituída por *estudos sobre masculinidade*. *Men's studies* foi a alternativa encontrada para criar simetria em relação a *women's studies* (*estudos de mulheres*), mas tanto um como outro são termos infelizes, pois situam o género no sexo, numa perspectiva de construcionismo social primário que vê o género como elaboração cultural de um suposto sexo natural, descurando assim a análise da construção social da própria noção de sexo. Quanto a *male*, uma tradução incauta conduzir-nos-ia a *macho*. Mas, em português, *macho* aplica-se - nos termos das convenções culturais contemporâneas da nossa língua - sobretudo a animais não-humanos ou como termo valorativo em certos contextos (o mesmo se passando, aliás, em inglês, com a expressão *macho man*, devido à importação, do castelhano, do termo *macho*). Tal como nos casos referentes ao campo homossexual abordados adiante, é de bom senso manter uma diferenciação entre os termos encontrados no terreno e os termos usados na definição de campos académicos.

Masculinidade é, então, o termo que cobre todo o campo de investigação que, na área dos estudos sobre o género e a sexualidade, se reporta a significados culturais da «pessoa», que, sendo ideologicamente remetidos para o terreno da essência dos «homens», são, através de processos metafóricos, aplicáveis às mais variadas áreas da interacção humana e da vida sociocultural. É assim que podemos encontrar, ao nível etnográfico, expressões como «mulher

masculina», «gestos masculinos», «valores masculinos», «símbolos masculinos», etc., independentemente dos sexos e até do sexo, como no caso dos símbolos.

Os estudos sobre a masculinidade incluem necessariamente a vertente da orientação sexual, uma vez que o trinómio heterossexualidade/ homossexualidade/ bissexualidade constitui desde logo o fermento de diferentes masculinidades (que podem identificar-se em virtude de outras variáveis também, tais como as de classe, estatuto, raça, etnicidade, etc.), organizadas em sistemas tensos de hegemonia/ subalternidade [ver **Homossexualidade; Bissexualidade**]. Em termos académicos dois termos colocam por vezes problemas: *gay/ gay studies* e *queer/ queer studies*. *Gay* é o termo inglês (curiosamente de origem latina) proposto pelo movimento social dos direitos dos homossexuais em contextos anglo-saxónicos como alternativa para «homossexual». Trata-se de contrapor à definição sexo lógica restrita uma definição (na realidade uma autodefinição) aberta e valorada positivamente do ponto de vista cultural. O carácter globalizado do movimento *gay* e o compromisso crítico dos estudos *gay* (coevos e aliados dos estudos feministas) levam-nos a aceitar o termo inglês. O suposto colonialismo subjacente a esta escolha pode ser temperado pela sua origem subalterna e a sua fermentação transnacional. Quanto a *queer* - termo proposto recentemente por uma corrente política e académica apostada na radicalização identitária e não na integração -, trata-se da reapropriação de um termo insultuoso pelos próprios insultados. Pelas mesmas razões que *gay*, deve ser mantido no original - a tradução por um termo do calão português retirar-lhe-ia contexto e nacionalizaria algo que vem de um movimento inerentemente transnacional.

Bibliografia

- CONNELL, Robert, W. (1995), *Masculinities*, Londres: Polity Press.
VALE DE ALMEIDA, Miguel (1995), *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa: Fim de Século.

MVA